



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene de abertura do encontro bilateral com o Presidente de Angola, José Eduardo dos Santos

Luanda-Angola, 18 de outubro de 2007

É um prazer retornar a Luanda e reencontrar o presidente José Eduardo dos Santos. Sinto-me em casa nesta terra, um dos berços da nossa nacionalidade.

Vim a Angola na minha primeira visita à África. Retorno no início de meu segundo mandato, para ver de perto os progressos de nossa parceria.

Angola começa a realizar o imenso potencial de sua natureza e de seu povo. A economia cresce a taxas elevadas, com inflação e dívida externa decrescentes. É uma nação em paz, que fortalece suas instituições democráticas.

Desde minha última vinda, nosso comércio aumentou quase cinco vezes, com exportações angolanas anuais de 460 milhões de dólares. Angola é o terceiro maior fornecedor africano do Brasil e quarto maior importador de produtos brasileiros na África.

Este ano, os números são ainda mais promissores. Até julho, o fluxo total já ultrapassou um bilhão de dólares.

Nossas relações são históricas. Em 1975, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola. Financiamentos brasileiros tornaram possível a construção da Hidrelétrica de Capanda, o mais importante projeto de infra-estrutura do país. Nossos créditos ajudaram o país a se modernizar. Hoje, mais do que nunca, o Brasil redobra essa aposta. Por isso, anunciei nova ampliação de um bilhão de dólares desta linha de crédito. Tomei essa decisão, pois confio na capacidade das empresas brasileiras de ajudar a encontrar soluções apropriadas a Angola.



São obras de infra-estrutura viária, habitacional, de saneamento básico, de exploração e produção de energia. A Petrobrás triplicou o número de blocos em que está explorando petróleo.

Os investimentos angolanos também estão presentes no Brasil: a Somoil venceu disputa para explorar petróleo e gás na Bacia do Recôncavo, na Bahia, tornando-se a primeira empresa petrolífera angolana a trilhar o caminho da internacionalização.

A expressiva participação brasileira na Feira Internacional de Luanda, em julho deste ano, ajudou a identificar novas parcerias, na agricultura e construção naval, por exemplo. Esse também é o objetivo da missão empresarial que me acompanha hoje.

A abertura de um Consulado-Geral angolano, em São Paulo, em abril deste ano, foi outro passo importante para estreitar contatos.

Angola é uma potência petrolífera. O Brasil é auto-suficiente na produção de petróleo. Não obstante, podemos, juntos, participar da próxima revolução energética: a dos biocombustíveis. Há mais de 30 anos, o Brasil produz carburantes que combinam segurança energética com amplos benefícios econômicos, sociais e ambientais.

A mistura de 25% de etanol à gasolina e o uso do álcool combustível em veículos *flex fuel* permitiram diversificar nossa matriz energética.

A indústria de biocombustíveis já criou 6 milhões de postos de trabalho no Brasil. Gera renda e colabora para evitar o êxodo rural e o inchaço urbano. Entre os beneficiados estão pequenos agricultores em zonas semi-áridas deprimidas.

A cooperação em biocombustíveis é somente um exemplo do que podemos fazer juntos. O Brasil ajudou a estabelecer um centro de formação profissional em Cazenga, hoje plenamente administrado pelos angolanos.

Assinaremos hoje acordos sobre iniciação científica, prevenção e controle da malária, reforma curricular e execução do Projeto “Escola de



Todos”. São iniciativas destinadas a habilitar o povo angolano a apropriar-se das conquistas da tecnologia moderna.

Vamos ampliar os programas de graduação e pós-graduação para estudantes angolanos no Brasil, com a vinda mais 100 estudantes por ano para cursos de verão em instituições científicas brasileiras.

O aprofundamento de nossas afinidades e parcerias passa também pela instalação de Casas de Cultura nos dois países. O Mecanismo de Consultas Políticas que estamos estabelecendo espelha a maturidade alcançada em nossas relações bilaterais. Concordamos que essa coordenação deve incluir os grandes temas globais, desde as negociações comerciais multilaterais até a mudança de clima.

A expansão do Conselho de Segurança é, nesse contexto, inadiável. O apoio de Angola a que o Brasil assumira assento permanente no Conselho é gesto de confiança que muito apreciamos. Expressa a excelente colaboração que nossos países mantiveram no recente período em que estivemos juntos no Conselho. Reflete também a época em que o Brasil esteve à frente da luta pela pacificação de Angola nas deliberações do Conselho de Segurança.

Angola é hoje reconhecida como um fator de estabilidade no continente africano. Exerceu papel fundamental na assinatura dos acordos de paz na República Democrática do Congo, em meados de 2003, e empenha-se pela estruturação das forças de paz regionais na África.

No âmbito da CPLP, nossos países estão trabalhando pela normalização política e recuperação econômica em Guiné Bissau. Com este fim, consideramos fundamental que Guiné Bissau passe a integrar a agenda da Comissão de Construção da Paz da ONU.

Para aprofundar a união entre Angola e Brasil, estamos revigorando a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul. A iniciativa angolana de organizar a reunião ministerial de junho deste ano foi passo importante nessa direção.

Caro amigo José Eduardo,



Nunca o Brasil buscou tanto se aproximar dos países africanos. Estive em dezenove países do continente – em alguns, mais de uma vez – e recebi grande número de chefes de Estado africanos no Brasil. Determinei a abertura de Embaixadas e o envio de múltiplas missões de cooperação.

É com o compromisso de aproximar mais nossos países que volto a este país tão querido dos brasileiros. O “Renascimento Angolano” servirá de exemplo e inspiração para as demais nações do continente que buscam estabilidade política e desenvolvimento econômico e social.

É com essa convicção que faço sinceros votos pelo continuado êxito de Angola e sua história de lutas e vitórias. Contem com o Brasil.

Muito obrigado.